

HOMENAGENS PRESTADAS AO PROF. SARMENTO LEITE POR OCCASIÃO DE SEUS FUNERAES

Quando das cerimoniaes dos funeraes do *Professor Sarmento Leite*, entre os discursos proferidos contam-se os seguintes do secretario da Faculdade, dos professores, livres-docentes e alumnos da Faculdade de Medicina:

Discurso do *Dr. Felisberto Rath*, em nome do corpo administrativo da Faculdade

Querido Mestre — Venerando Chefe:

Affirma-se que nos momentos das grandes emoções, o silencio diz mais que as palavras. Não pensaram assim os funcionarios da vossa Escola que me mandaram aqui dizer-vos o seu ultimo adeus. Ontem os vossos alumnos, os vossos filhos, os filhos da vossa Escola, refizeram com o vosso corpo inanimado o percurso que as vossas pernas tropegas andaram, milhares de vezes, ao sol, á chuva, ao frio.

Naquella porta, que se vos abriu vezes sem conta, o recebemos, para acalantar o seu somno de uma noite.

Hoje, nos despedimos de vós.

Não passareis por esta portaria, sem receber o osculo de todos nós, que aqui nada mais somos que vossos humildes successores nas funções que desempenhamos.

Desde o Secretario, ao mais humilde func-

cionario administrativo desta casa, todos succedemos a Eduardo Sarmento Leite da Fonseca, que tudo elle foi, por quasi um quarto de seculo.

Em todas as secções deste Instituto, elle deixou, não traços da sua passagem, mas a sua alma palpitando nos seus livros e vibrando no recinto das suas salas.

Professor desta Faculdade desde 1899, seu Director nos ultimos 20 annos, cada um de nós é testemunho dos seus sacrificios, da sua abnegação, do seu estoicismo, do seu desprendimento, do seu desprezo pelo conforto, pela saúde, pela vida.

Numa actividade ininterrupta, constante, sem um dia de desfalecimento, sem um instante de descanso, veiu consumindo a sua saúde, queimando a sua vitalidade, menosprezando os seus interesses, numa renuncia completa a todas as ambições humanas.

Chegou ao fim da existencia pobre de bens materiaes que uma clinica escolhida e brilhante lhe poderia ter proporcionado, mas o

património moral que lega aos seus é inestimável.

— Dr. Sarmento. Em nome dos funcionários desta casa, beijo as vossas mãos tão prodigas em benefícios e oscúlo a vossa frente, onde vejo a aureola da santidade e da bondade.

Ide, mas que fique nesta casa o vosso espirito, num estímulo perene a todos nós, para que saibamos imitar-vos no culto ao trabalho, ao cumprimento dos deveres, á justiça e á bondade. Disse.

Discurso do academico *Rubens Maciel*, em nome do centro Academico de Medicina

Professor Sarmento, nosso grande mestre e nosso grande amigo: Para dentro, ainda, dos humbraes desta Faculdade, que fizestes grande com a grandeza do vosso devotamento; neste mesmo sitio em que parece perpassar ainda, acurvada pelos annos, a vossa figura querida; trazidos de todos os cantos pela immensidade do pezar commum, os vossos alumnos se reúnem, e calam, para ouvir vossa ultima lição.

Reparaes bem: vieram todos. Mesmo os que vinham pouco. Mesmo os que não vinham quasi. Até os que não vinham mais. De perto, de longe, despresando canseiras, esquecendo compromissos, deixada de lado, por mesquinha, qualquer preocupação que não fosse a de ouvir-vos. Vieram todos. Iniciando que a medo ensaiam seus passos, sob as naves magestosas do templo hipocratico; e mestres conhecedores dos segredos da arte, encanecendo já na luta pelo Bem. Vieram todos. Porque esta é a vossa aula de encerramento de curso, e esse curso se conta por 20 annos de directoria, 36 de magisterio e toda uma vida de abnegação e de sacrificio.

Vieram todos. E juntos, em silencio, buscando enxergar por entre o nevoeiro de lagrimas, elles procuram comprehender a

maior de vossas lições: aquella em que não mais se indagam os segredos da Vida, mas se encara e sente a grandeza da Vida.

Rodeado de homenagens as maiores que organizar se poudes, mas que ficam muito aquém do seu merecimento e do nosso desejo; sob a guarda carinhosa de uma Escola onde as hierarchias se apagaram, irmanados os corações no mesmo soffrimento; cercado pelo que a classe medica e a sociedade têm de melhor e mais fino, Sarmento Leite repousa no seu caixão mortuario.

Não foi um potentado. O cargo de director, a que se deu inteiro vinte annos da sua vida, não lhe trazia a possibilidade de mercês e favores, com que comprar estima facil e gratidão barata.

Não foi um argentario. Nas ruas em que deslisam os automoveis de luxo, pouca gente notaria o passo tardo do velhinho, trajando modestamente a sua roupa surrada, e tendo de sahir cedo para chegar a tempo.

Não foi um demagogo. Na sua linha de conducta não havia lugar para a encenação de grandeza, com que se pagasse, na admiração da massa, das agruras do caminho.

Foi um simples, foi um pobre, foi quasi um ignorado. Tinha todas as condições dos que passam sem ruido; e, no entanto, o seu enterro é uma consagração.

Onde o motivo, onde o porque desta excepção?

Lição admiravel e unica, profunda pela significação e magestosa pelo ensinamento. O milagre da bondade e do desprendimento; da coragem e da decisão; da simplicidade e do affecto. A historia simples e sublime do Mestre entre todos insigne, que viveu ensinando e que ensinou vivendo.

Sarmento Leite foi o mais puro, o mais nobre e o mais desinteressado dos amigos desta Faculdade. Director vinte annos, em épocas em que a vida da Faculdade exigia a luta com o Poder Publico, elle jamais tuteou em arriscar seu bem-estar e sua vida,

desde que se tratasse do futuro de sua Escola.

Nunca teve limitação de horario, nem se prendeu a attribuições de cargo. Trabalhava sempre e trabalhava em tudo. Foi o bemfeitor desta Escola, e o malfeitor de si mesmo.

E foi, tambem, o grande e sempre attento amigo dos alumnos. Conhecia-os um por um, e somos quasi quinhentos. A toda hora e em todo logar, havia junto de si um caminho desimpedido por onde um alumno se chegasse. Todas as petições tinham o seu interesse, e todas as situações o seu conselho. Vinte annos apresentou relatorio da direcção; e vinte annos, nesse relatorio, as faltas dos alumnos foram representadas por uma pagina em branco. Como thesoureiro exigia, como director perdoava; e houve, muita vez, na magreza do seu orçamento, córtes a fazer, para pagar as liberalidades do seu coração.

E nunca pensou em recompensa. Incomodavam-no os elogios. Era bom com a singeleza dos que o são por natureza e sem esforço. Quando todos se agitam, neste maremagnum que, disse-o insigne mestre, é a hypertrophia dos direitos, elle continuou sempre na observancia estoica do que considerava deveres.

E, chegada a sua hora, morreu como viveira: sereno, com o equilibrio e a tranquillidade dos que não têm crimes. E talvez achasse, o bom do velhinho, que tambem não tinha meritos...

Senhores: si toda a boa causa, como ás vezes parece, traz comsigo a crueldade de exigir uma victima, pensando no presente e no futuro de nossa Escola, e no que ella custou de labores e desgostos, que envelhecem e matam, eu creio que estamos todos de accordo em que repouse nesse esquife, galvanizado por uma vida inteira de luta, o despojo venerando do Grande Sacrificado.

Velho Sarmiento, como nós te chamavamos: perdôa si a palavra foi fraca, porque o sentir

foi grande, e não houve calma para cuidar da fórma. Os teus alumnos que, com dever-te a Faculdade, devem grande parte do que são e serão, trazem-te aqui o seu agradecimento; e promettem que, pela vida em fóra, hão de guardar accessa a tua lembrança e a lição de Belleza Moral que tu lhes déste. Velho Sarmiento, adeus.

Soneto lido pelo academico *J. Antunes Mattas*

Lagrimas de Dôr

(Sobre o corpo do prof. Sarmiento Leite)

Sober Teu corpo, inanimado, eu choro
Uma sentida lagrima de dôr,
E a Deus bondoso ardentemente imploro
Que Te cubra de benções e de Amor!

Vae Mestre amado! Sóbe mais ainda
Entre o mysterio dessas brancas azas
Que Te arrebatem para a Gloria infinda
Te libertando destas covas razas!

Vae Mestre amado! e attingindo os céos
Altos e puros viverás então
A mão direita de Deus Pae — de Deus
Receberás maior consagração!

Vae Mestre amado! Santo, bom, perfeito
Pisaste a terra; e, o Céu que nos encobre
Ouviu Tua prece, esplendida de eleito,
Attesta-o em prantos o Estudante Pobre!

Discurso do *Dr. Oscar Pereira*, livre-docente de Microbiologia, em nome do
"Instituto Pereira Filho"

"Eminente mestre: Venho trazer-vos, caro professor Sarmiento Leite, o adeus dos que trabalham numa casa que inaugurastes ha

quasi duas décadas: o Instituto Pereira Filho.

Represento também a gratidão de um lar que socorrestes nos momentos das dôres mais pungentes.

Grande amigo professor Sarmento Leite:

Cobre-vos, na hora derradeira, no recinto da Faculdade, o estandarte envelhecido, desbotado, mas verdadeiro symbolo das gloriosas tradições da nossa Faculdade. Recordas as luctas terríveis que enfrentastes para a ascensão gloriosa do nosso templo de sciencia.

Nesta flammula de lucta, nos tempos de consolidação do renome do nosso ensino medico, vejo um casarão quasi em ruínas e um pequeno casebre nos fundos do nosso Hospital de Misericordia; neste ensinava-se anatomia e naquella aprendia-se os segredos das sciencias medicas e, em ambos, aprimorava-se a educação e modelava-se o character.

Pobreza de installações, mas riqueza de idealismo e de abnegação. Assim nasceu a Escola Sarmento Leite.

Como Pasteur, nas épocas memoraveis da fundação das sciencias microbiologicas, vós, o pioneiro do ensino medico do Rio Grande, quantas vezes dissestes: "Com a vontade sincera e com a intelligencia esclarecida de professores dedicados, crearemos uma escola com projecção luminosa para todo o Paiz".

Era o ideal mais puro que indicava sempre a trajetoria do vosso proceder entre alumnos e lentes.

Quem de nós não guardará no amago do coração o vulto sagrado do professor Sarmento Leite, e não recordará para a mocidade, que vem sequiosa de saber, as virtudes, a bondade, a illustração e a cultura magna do vosso cerebro privilegiado?

As côres auri-verdes deste estandarte esmaeceram, mas a vossa trajetoria pelo ensino medico do Rio Grande terá a duração dos bronzes com a irradição luminosa e constante de vossos discipulos dilectos.

O pó da eternidade, longe de fazer esque-

cer a vossa actuação inegalavel e altamente patriotica em prol da medicina nacional, fará simplesmente o fundo de um quadro que tornará mais refulgente a vida de um santo e a glorificação de um professor sapientissimo.

A morte não nos separará, em cada recanto da nossa Faculdade, veremos sempre a imagem austera, o idealismo puro do nosso querido velho Sarmento. Adeus.

Discurso do *Dr. Elyseu Paglioli*, livre-docente de Anatomia, em nome da "Sociedade dos Livres-Docentes"

"Venerando mestre: Eu não deveria falar-te neste momento, quando, em vão, a minha palavra humilde e fragil procura traduzir a minha dôr profunda, quando todos os teus collegas amigos, cheios da mais intensa magua, vêm trazer-te o seu adeus repassado de uma immensa saudade, porque tenho medo de ferir ainda agora a tua simplicidade de homem superior, a tua modestia de sabio e a bondade infinita do teu coração.

Os meus collegas docentes-livres, entretanto, incumbiram-me da despedida, a mim, porque fui o teu discipulo dilecto, porque o destino quiz elevar-me ao logar honroso de teu auxiliar, porque comprehendí melhor a tua immensa cultura, o teu inegalavel devotamento e a tua extrema bondade.

E' sobrehumano o meu esforço para compôr essas poucas palavras, porque sinto o meu espirito desnortado pelo golpe inesperado e profundo do teu doloroso afastamento.

Hontem, eu sentia a influencia benefica do teu aconchego amigo, onde a sinceridade da tua affeição, na mais ampla e feliz cordialidade, unia os nossos corações para a lucta e para o soffrimento; companheiros na dôr e nos raros momentos de alegria, confortando-nos mutuamente nos dissabores com que Deus nos legára.

E quando alguém pretendia manchar tua dignidade, apedrejando a pureza do teu character, eu, que vivia mais perto de ti, que sentia melhor os gemidos da tua alma e que conhecia a mudez estoica de tua dôr profunda, levava o meu coração para junto do teu, e lá, no sacrário da tua alma bem-dita, eu encontrava cada vez mais luminosas as tuas grandiosas virtudes.

A tua abnegação ao trabalho e o teu espirito de sacrificio jamais te permittiram uma tregua de repouso; só agora no teu somno perpetuo, encontrarás o descanso na Eterna Bemaventurança.

Escravidado debaixo dessa cruz que tu mesmo construiste e que foi na vida o teu maior orgulho, subeste supportal-a com o maior dos sacrificios, para redimir a Medicina rio-grandense.

Sobre o teu calvario, Mestre querido, foi que surgiu todo o corpo medico do nosso Estado e de grande parte do Brasil.

Desde a fundação da tua Escola, supportaste, dos inimigos do templo que edificaste, os mais violentos embates. A sublimidade do teu ideal, entretanto, tudo venceu e fructificou abundantemente.

Os teus agoites, as tuas quedas e os escarneos que porventura tenham te lançado contribuíram para a nobreza dos teus sentimentos, para fortalecer as tuas sublimes virtudes, para suavisar a dogura do teu coração, para a perpetração da tua obra grandiosa e para santificar a memoria do teu nome."

Discurso do Professor Mario Totta, em nome da "Congregação de Faculdade de Medicina

Velho Sarmento — Designou-me a Faculdade de Medicina para o amargurado adeus de despedida. E deante desse ataúde que dentro em pouco esconderá no seio da terra, não os simples restos mortaes de um homem,

mas uma pagina viva do evangelho da pureza e da bondade, — eu mesmo não sei como começar a oração, no exalçamento do louvor e no cantico da saudade.

A saudade, na sua expressão mais perfeita e mais sentida; a saudade que se contorce deante da provação de um "nunca mais"; que se confrange sobre uma perda que nem o tempo, nem bem algum reparam — não ha labio que possa traduzil-a: fica dentro de nós, como lampada votiva dia e noite accesa; paira sobre a alma como a tristeza de um luar envolvente dentro do qual toda a alegria encolhe as azas e todo o canto emmudece, para que o espirito quêde, como unico conforto, no extase da evocação perenne.

O louvor dos teus predicaados, velho Sarmento, desses predicaados que em unidade indissoluvél se juntavam na tua alma de escôl, como á feição se aggregam petalas e folhas numa corola radiosa, não precisam do alarde alheio, porque os esculpiram esses 67 annos de vida trabalhada e recta.

Por mais que se busque teu feitiço moral uma dessas jaças que assignalam, como carimbo indefectível, a propria argila humana, a pesquisa, por esmerada e minuciosa que seja, em vão procurará na massicez do teu character a mais tenue falha. Mesmo as feridas — e foram tantas e tão fundas! — que esgalharam o teu coração, regado, de continuo, pelos calices de amargura que a vida te deu a beber, cobriu-as silenciosamente, e sem deixar vestigios, o verniz da tua resignação estoica, da tua humildade franciscana e da tua bondade christianissima.

O teu lar foi santuario, onde a pureza dos costumes crystalizou lieção edificante; a tua vida publica é folha corrida onde encontrarão modelo os que mais se estremarem no culto da honra, da temperança e da rectidão; o exercicio da tua profissão foi mãos abertas á abnegação e á piedade; a tua cathedra foi solio sagrado de onde as prédicas jorravam em fachos de excelsa claridade e onde

correram, por annos e annos, oiro e fio, o luzimento da sabedoria e o devotamento ao dever.

Na tua entidade moral enfeixaram-se todas as prendas que poderiam esmaltar o espirito mais sequioso de continuar a viver, depois da morte, na memoria dos que ficaram, ou enriquecer de largo quinhão a alma que mais almejasse subir de vereda ao Céu.

Eu não sei dizer mais, nem que mais se possa dizer nesta hora em que o coração vae começar, no recolhimento da sua grande

dor, a desfiar mais uma conta de saudade no merencorio rosario da vida; nesta hora em que rue, sob os nossos olhos marejados, a arvore frondosa e amovel, á cuja sombra se levantou tanta obra de peregrina belleza e tantos de nós se fizeram, em gerações successivas, e se alicerçou a Escola, a tua Escola querida, a tua filha dilecta que neste momento de lancinante desolação te envia, pela minha palavra esmaecida e triste, o doloroso adeus de despedida ao melhor e maior dos seus amigos”.